

Universidades Lusíada

Muntañola I Thornberg, Josep 1940-

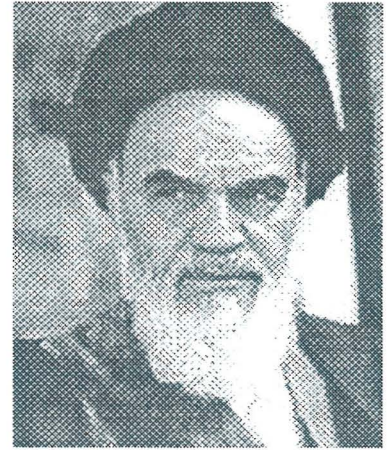
"Habitar" é um conceito fundamentalista?

<http://hdl.handle.net/11067/4889>

Metadados

Data de Publicação	1999
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-04T23:01:28Z com
informação proveniente do Repositório



“HABITAR” É UM CONCEITO FUNDAMENTALISTA?

JOSEP MUTAÑOLA

O debate entre o arquitecto Ignasi de Solá - Morales, de Barcelona, e o arquitecto português Victor Neves sobre a tese de Doutoramento deste último, intitulada “Espacio y Poética en la Arquitectura Portuguesa Contemporánea de los Años 70 a 90” (orientada por mim), permite-me abordar um tema primordial na arquitectura do séc.XXI: o sentido social do espaço construído. A réplica de Ignasi de Solá-Morales foi taxativa: o habitar heideggeriano, tal como se expressa no famoso artigo “pensar, construir e habitar” é, na sua opinião, a pior demonstração de um fundamentalismo e de uma anti-modernidade, só comparável ao fundamentalismo de Robert Venturi. Heidegger só queria, limpar o seu passado de simpatias com o regime nazi, com uma postura conservadora, anti-moderna. Estou a fazer um resumo muito circunstanciado da intervenção de Ignasi-Solá Morales, mas creio que o núcleo da questão se define bem assim.

A resposta de Victor Neves foi muito aplaudida pelo júri e pelo próprio Ignasi, pela sua precisão. Neves leu, inclusivamente um texto de Solá-Morales onde este insinuava que Norberg-Schulz seria também “fundamentalista”...

A importância deste debate não está apenas na avaliação de uma Tese de Doutoramento, muito mais complexa do que a simples discussão em torno de um ponto muito parcial, embora “fundamental” (tal como foi entendido pelos outros membros do júri), mas no significado de um “habitar” no séc. XXI.

Digamos, desde já, que o dilema que se apresenta entre um “habitar” fundamentalista e uma “arquitectura progressiva” sem este “habitar”, é um falso dilema. Há vários anos que nego este falso dilema com os conceitos de “modernidade específica”, “arquitectura dialógica”,etc.



Mas o “fundamental” (não o “fundamentalista”) é a discussão entre um novo sentido do “habitar” no séc. XXI, e o seu desaparecimento num mundo virtual em que não existe “habitar”, mas apenas literatura, cinema, etc.,etc. Ou seja outro “fundamentalismo”. O “habitar” de Heidegger não é tão simples e imediato como o define Ignasi de Solà-Morales, mas antes como foi descrito magistralmente por E.S. Casey no seu recente livro: “The Fate of Place” (Califórnia University Press, 1997).

Não vou defender Heidegger, porque ele não o necessita, nem sequer vou perdoar-lhe as suas simpatias “nazis”; tal como não as perdoo a Philip Johnson ou a Walter Gropius - aliás do mesmo modo que Lewis Mumford não as perdoava, embora fosse tido como “fundamentalista” e os outros como arquitectos “progressistas”.

Todas as famílias têm defeitos e os filósofos não são menos que os arquitectos (quem tiver livre de “culpas” que atire a primeira pedra). Mas voltemos ao “habitar”. Heidegger, como diz E.S. Casey, assustou-se ante a dimensão social do seu “habitar” e não tirou disso as devidas consequências até ao final da sua vida, nos seus textos (alguns hoje totalmente esquecidos), apesar de em 1923 ter anunciado esse valor social do “habitar” e a sua dimensão histórica e até “utópica”. Apenas apontou, na sua análise do objecto artístico, o valor de “gerar” espaço habitável a partir desse objecto, contra a postura hegeliana que considerava ser a “história” o elemento que gerava o objecto artístico.

Mas Heidegger viu demasiadamente claro as dimensões linguístico-sociais do “habitar” e deixou uma porta aberta, sem contudo passar o umbral dessa porta. Ao contrário outros, como Cassirer, Bakhtin, Ricoeur, Kristeller, Foucault, Derrida, atravessaram esse umbral. Porque o essencial é compreender que a modernidade não suprimiu o “habitar”, mas que apenas o transformou num processo histórico aberto e socialmente comprometido.

Não o transformou num-mundo “virtual”; “livre de laços simbólicos e culturais”, “livre de toda a problemática social”; livre, em suma, de qualquer “habitar”- o que seria o sonho dos especuladores: vender habitações fundamentalmente insensíveis a qualquer habitar, virtuais, des-habitadas. Infelizmente para os especuladores, o que realmente acontece é o contrário: os



habitantes são cada vez mais sensíveis a um “habitar”; a “ouvir”, “ver”, “cheirar”, “andar”, “subir”, “descer”, “entrar”, etc- valores social e fisicamente organizados pela arquitectura como lugar. Como indica Casey “voltamos ao lugar” e o espaço já não constrói lugares - são os lugares que constróiem espaço.

Se se confunde este “habitar moderno” (que Neves diz existir na arquitectura portuguesa contemporânea) com o “habitar” decinonómio, arcáico, fundamentalista (e não fundamental), não é de estranhar que se confunda Heidegger com Venturi e o “habitar português” com o “habitar de Ayatollah Khomeini”. Neste caso, (e é sempre assim), a arquitectura vernacular e, em geral, a arquitectura pré-moderna, assemelha-se a algo incompatível com o “habitar moderno”, pouco a pouco condenada a uma “piedosa veneração”. Não é casual que seja Descartes a encarnar o melhor exemplo de uma oposição total entre o pensamento moderno individual, digital e matemático-virtual; e o pensamento antigo que com a sua arquitectura, teriam, segundo Descartes, de ser “perdoados” por “caridade cristã”, e que, em benefício de um “habitar moderno”, deviam ser aniquilados por serem “inferiores”, “pitorescos” e “atrasados”. Ao contrário, o “habitar moderno” é, nessa perspectiva, generoso com o passado e opti-mista com um futuro esperançador. É capaz de ler o antigo como fizeram Picasso, Dali, Miró, Klee, etc. com espírito ciêntífico, mas também com carinho, com delicadeza, com capacidade de transformação.

É capaz de construir uma arquitectura dialógica e uma “modernidade específica” afastada por igual de um arcaísmo fundamentalista e de uma globalização cosmopolita duplamente fundamentalista, no real e no virtual. Mas explicar como é isto possível, e tornr isso possível, será precisamente a tarefa dos arquitectos do séc. XXI. Serei eu fundamentalista e arcáico sem o saber?

(no avião Barcelona-Lisboa em 10.02.99)